

Vamos recuperar Cine-Teatro Açor?

Kairós parceira neste projeto de herança cultural



Claudio Hochman, autor, encenador e docente de teatro, nasceu em Buenos Aires, Argentina e mora há mais de vinte anos em Lisboa.

Carlota Blanc, designer e cantora de fado, nasceu e também vive em Lisboa há mais de vinte anos.

No verão passado, de férias no Nordeste, começaram a pensar em como poderiam desen-

volver um projeto cultural com a ideia de, pouco a pouco, ir viver para São Miguel.

Descobriram o Cine-Teatro Açor nas Capelas, inativo há muitos anos, e propuseram-se recuperá-lo como um centro cultural “de e para” a comunidade, já que nessa zona não há muita oferta de formação artística.

Pensaram em focar o projeto no teatro comunitário, dan-

do formação a crianças, jovens e adultos e trazendo artistas para trabalhar com a população. Um sonho maluco que nunca poderiam fazer sozinhos. Através do João Paulo Constância, diretor do Museu Carlos Machado, conheceram a Cooperativa Kairós que desde o primeiro encontro foram cúmplices constantes desta aventura.

O espaço precisa de obras, esse será um caminho lento, mas como o teatro é feito pelas pessoas decidiram fazer uma aula aberta em fevereiro de 2022 onde participaram mais de 40 pessoas dos 6 aos 66 anos. Todos ficaram entusiasmados e com vontade que o projeto cresça. O apoio logístico e de divulgação da Kairós foi fundamental.

Nesse mesmo fim-de-semana, Claudio e Carlota foram recebidos nas Criações Inclusivas-Kairós e comprometeram-se a realizar um projeto com os jovens do CDIJ -Perkursos, chamado “Nós Ilhas, nas Ilhas”, a partir de textos de um dos livros de Claudio.

Também em parceria com a Kairós apresentaram uma candidatura no Archipel.eu para a realização de um vídeo documental sobre o passado, o presente e o futuro do Cine-Teatro Açor, com a intenção de recuperar a memória através das histórias contadas pelos protagonistas que ainda vivem, assim como um manifesto de desejos para o que virá. A candidatura foi aceite e em breve começarão a realizá-lo.

Caminhos que se cruzam, pessoas que se conhecem, projetos que se unem, espaços que se redimensionam, sonhos que se realizam. ♦

CARLOTA BLANC E CLAUDIO HOCHMAN

HORTAS COMUNITÁRIAS EM MADRID,
UM BENEFÍCIO PARA TODOS a partir
do ESCUTA - projeto ERASMUS+ da Kairós

Um OUTRO OLHAR sobre a ECONOMIA CIRCULAR, regenerativa e SOLIDÁRIA

Foi nas áreas rurais que circundam Madrid, que a equipa da Kairós (3 pessoas) do projeto ESCUTA (Erasmus+) tomou contacto com diversas experiências de intervenção comunitária, que contam com a participação ativa dos respetivos habitantes em interligação com o forte incremento e apoio das autoridades locais (Autarquias). Esta foi uma viagem de múltiplas partilhas com enfoque em quem coloca como prioridade o meio ambiente e a valorização

transformadora dos resíduos, em particular orgânicos e vegetais, potenciando assim o modo de vida dos territórios rurais e urbanos e suas gentes locais.

Estamos a falar de sistemas alimentares locais (CSA - Community Supported Agriculture), como os impulsionados pela rede de municípios agroecológicos TERRAE, em Redueña e Valdepielagos, centrados em processos participados de compostagem, hortas e galinheiros comunitários, se-



gundo as perspetivas da economia circular, economia regenerativa e economia solidária (solidariedade sistémica). São os próprios habitantes que fazem a recolha dos resíduos orgânicos (contentores castanhos no bairro,

recolha porta a porta, ou levando até às próprias composteiras no bairro) em troca de um espaço cedido para o cultivo dos seus legumes, ou simplesmente como dádiva (cidadania ecológica), ou gestão voluntária e partilhada de sistema integrado de avicompostagem (com usufruto de ovos de uma forma coletivamente organizada).

Em Torremocha de Jarama, a CSA Vega de Jarama dedica-se à promoção da produção local de agricultura e pecuária ecológica e regenerativa, evitando transportes desnecessários e economizando energia. O objetivo é impulsionar mudan-

ças sociais por via da alimentação, criando espaços coletivos de compartilhamento e produzindo alimentos saudáveis, de qualidade e acessíveis. Há também uma troca de bens em prol do trabalho voluntário.

O ser humano ao envolver-se neste tipo de projetos terá sempre vantagens a nível individual: alimentos sempre frescos, livres de agrotóxicos e com garantia da sua origem. Trabalhar numa horta mantém a cabeça e o corpo sempre ativos e favorece o desenvolvimento de outras habilidades, ajuda ainda a aliviar o stress e a praticar a paciência. A nível comunitário: facilita um maior envolvimento com a rede de vizinhança, aproxima as pessoas da natureza e resgata a importância da preservação para a manutenção da vida, servindo como refúgio para a biodiversidade local.

Estas hortas ajudam na educação ambiental, estimulando a minimização na produção de resíduos, reciclagem e compostagem. Fica o desafio para nos juntarmos neste caminho. ♦

SÓNIA GOMES KINTEGRA